



Resenha de “Sequências didáticas na escola e na universidade: planejamento, práticas e reflexões sobre o ensino de gêneros textuais”, de Ermelinda Barricelli, Geam Karlo-Gomes e Joaquim Dolz (org.)


Jacqueline Costa Sanches Vignoli¹

 0000-0002-9579-5066

Vera Lúcia Lopes Cristovão²

 0000-0001-7875-6930

Marileuza Ascencio Miquelante³

 0000-0002-7100-0871

BARRICELLI, Ermelinda; KARLO-GOMES, Geam; DOLZ, Joaquim (org.). *Sequências didáticas na escola e na universidade: planejamento, práticas e reflexões sobre o ensino de gêneros textuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2020. (Série Escola e Universidade).

Biografias

Ermelinda Maria Barricelli é doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica. Professora Titular da Universidade São Francisco.

Geam Karlo-Gomes é doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco.

Joaquim Dolz é doutor em Ciências da Educação e Didática das Línguas pela Universidade de Genebra, Suíça. Professor aposentado da Universidade de Genebra.

Resenha

A virada enunciativa ou discursiva no ensino de línguas no Brasil ganhou força, em um primeiro momento, com a publicação dos Parâmetros Curriculares

¹ Doutora em Letras. Professora da Unespar. E-mail: jacqueline.vignoli@unespar.edu.br

² Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Professora associada da UEL e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: cristova@uel.br

³ Doutora em Estudos da Linguagem. Professora aposentada da Unespar. E-mail: mikelante@gmail.com

Nacionais (1998) e as decorrentes propostas curriculares estaduais. Nesse contexto, a engenharia didática genebrina encontra terreno fértil na educação brasileira, especialmente com a difusão da obra *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*, organizada por Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004), em cuja publicação encontra-se o conceito de Sequência Didática (SD), basilar para todos os capítulos do livro “Sequências didáticas na escola e na universidade: Planejamento, práticas e reflexões sobre o ensino de gêneros textuais” (2020) que ora resenhamos. A obra, da Mercado de Letras, é organizada por Barricelli, Karlo-Gomes e Dolz e conta com 14 capítulos, divididos em três contextos: escolar, universitário e de formação de professores.

No capítulo “Ensinar a compreensão oral: um projeto de engenharia didática”, Dolz e Mabillard tomam como desafio planejar, desenvolver, implementar e analisar novos dispositivos didáticos com foco na oralidade. Para tanto, foi realizado um processo colaborativo, envolvendo formadores e professores que produziram várias SD, embasadas em estudos da didática do oral. Há um detalhamento de como ocorreram as etapas do processo investigativo e, com base nos dados de um jornal de bordo e de um questionário, os autores avaliam e defendem que o trabalho com a compreensão oral é importante em todas as situações escolares. Eles destacam, ainda, a relevância de dispositivos didáticos planejados sistematicamente e produzidos para a construção de sentidos do oral, o que vai ao encontro das necessidades identificadas no contexto brasileiro.

Muniz-Oliveira, Denardi e Colet, no capítulo “O gênero cartum: uma experiência com sequência didática em aula de língua inglesa na escola”, relatam a experiência de implementação de uma SD com foco no gênero cartum e analisam e discutem a produção do gênero, tendo como critérios as capacidades de ação, discursivas, linguístico-discursivas e de significação. Por se tratar de um cartum, sentimos falta da presença das capacidades multissemióticas, propostas por Dolz (2015) e ampliadas por Lenharo (2016), uma vez que estas são essenciais para a construção de sentidos do referido gênero. Apesar disso, consideramos que o capítulo corrobora o que já foi defendido a respeito da importância do

desenvolvimento das capacidades de linguagem dos estudantes.

No capítulo “Sequência Didática *Netiquetteon Facebook*: uma proposta de ensino com o gênero textual comentário argumentativo do Facebook para aulas de língua inglesa”, Barros e Resende fazem um relato da implementação de um projeto de letramento, voltado para professoras(es) de língua inglesa, tendo o comentário argumentativo do *Facebook* como mediador do processo. Durante a produção do Modelo Didático de Gênero (MDG), as autoras optaram pela elaboração da SD com foco no comentário argumentativo. Em uma sinopse da SD, as autoras apresentam as oficinas, seus objetivos e a descrição das atividades de leitura, escrita, oralidade, bem como daquelas com foco nos conhecimentos linguísticos de um texto argumentativo, permitindo ao leitor avaliar a diversidade da proposta e a sua relevância para a Educação Básica.

Sá, Sousa e Cavalcanti, no capítulo “A Sequência Didática envolvendo o gênero textual comentário em língua inglesa na Educação Básica e a multimodalidade”, trazem um recorte de uma experiência realizada com estudantes do Ensino Superior e do Ensino Médio. Em um projeto de intervenção que contemplava leitura, compreensão e interpretação de textos multimodais, as autoras se propuseram a analisar a aplicabilidade e eficácia de uma SD, apresentando um quadro síntese do procedimento, bem como a análise e interpretação de tirinhas utilizadas na proposta didática e os comentários produzidos pelos estudantes em resposta a elas. A conclusão foi de que o projeto contribuiu tanto para os professores em formação inicial quanto para os estudantes da Educação Básica, por possibilitar a vivência com práticas contextualizadas. Nesse sentido, o capítulo demonstra a importância de trazer conhecimentos e ferramentas que fazem parte do cotidiano do estudante para a sala de aula, e, a partir disso, contribuir para a sua formação crítica.

No capítulo “A Sequência Didática de gêneros: ferramenta de desenvolvimento de projetos de letramentos múltiplos no ensino da língua portuguesa”, Barros e Striquer focalizam dois projetos, com adaptações à proposta de base da SD, orientados por elas para a promoção de letramentos múltiplos. A

primeira SDG, centrou-se em casos locais e regionais, com foco na oralidade e na escrita. Já a segunda, objetivou colocar os estudantes em contato com práticas letradas contemporâneas, em especial, com a reportagem infográfica. O capítulo em questão apresenta a sinopse das duas SDG, evidenciando o apoio em outras áreas do conhecimento. Isso demonstra que a produção de SD para atender às necessidades locais exige que o professor esteja sempre atento ao que pode complementar as suas bases teórico-metodológicas.

Santos, no capítulo “Sequência Didática: o diário de leituras como espaço de leitura crítica”, apresenta uma SD em torno da leitura do gênero conto literário e da produção do diário de leitura com a metodologia de Pensar Alto em Grupo (PAG). O texto pontua que a leitura é necessária para a interação em diferentes contextos e parte da noção de diário de leitura. Assim, a autora expõe a macroestrutura da SD, com leitura de conto, a produção inicial, reescrita, revisão e produção final do diário, culminando em uma roda de leitura.

A autora considerou a prática investigada vitoriosa. Manifestamos nossa anuência com o valor da socialização dos sentidos construídos coletivamente por meio da produção do diário de leitura. Contudo, causou-nos estranhamento o foco na “revisão”, “adequação”, “correção” e “reescrita” dos textos produzidos como diários de leitura, uma vez que a definição do gênero diário de leitura, adotada no capítulo, privilegia a experiência do leitor em dialogar com o texto, podendo questionar, comentar, definir, entre outras possibilidades. Então, não nos parece pertinente um trabalho de “adequação” dos textos desse gênero. Relevante é a partilha por meio do PAG para que, coletivamente, possam haver trocas e desacomodações de sentidos.

No capítulo “Atividade de escrita no livro didático de espanhol: diálogo com o procedimento de sequência didática genebrino”, Panta, Lacerda e Costa analisam atividades de uma seção de escrita de um livro didático de língua espanhola, tendo como categoria os componentes da proposta genebrina para SD. Os resultados mostram um avanço no sentido de inclusão de atividades de escrita a partir da produção de um gênero textual, mas o material ainda carece de um trabalho com

módulos que se voltem às necessidades e dificuldades de estudantes, ao que corroboramos. Sublinhamos, no entanto, que as lentes analíticas também devem contemplar desde as escolhas iniciais de uma situação de comunicação, do gênero, do projeto de classe proposto, até o conteúdo crítico de formação humana, o acesso a diferentes perspectivas ideológicas e visões de mundo, e os recursos linguísticos usados para que a ação linguageira possa ser informada, situada e autoral.

No capítulo “Sequência Didática do gênero artigo científico na formação de professores: percepção da função social na relação escola-universidade”, Rios e Karlo-Gomes trazem uma proposta de oficina para a produção do gênero artigo científico, tendo a SD como procedimento, ofertada a estudantes dos cursos de Letras e Pedagogia, tomando o conceito de gênero textual/discursivo como instrumento. Os autores apresentam a macroestrutura da SD, organizada em nove oficinas, mas descrevem apenas a fase de “apresentação da situação” e a análise de um questionário prévio com questões sobre a função social da universidade e o papel do estudante do Ensino Superior. A avaliação feita por eles é de que conseguiram atingir o principal objetivo com a transformação da realidade por meio da pesquisa científica. Corroboramos a afirmação dos pesquisadores quanto à necessária inter-relação entre Ensino Superior e Educação Básica.

Posteriormente, Ferreira, Lousada e Bueno escrevem dois capítulos consecutivos, “A escrita acadêmica em foco: a engenharia didática e os obstáculos dos alunos em uma SD de artigo científico” e “Do curso presencial à educação a distância: as contribuições da engenharia didática para uma nova SD de artigo científico”. No primeiro deles, há a análise da implementação da SD em disciplina presencial, ao passo que, no segundo, há a discussão em torno das adaptações necessárias para a utilização da SD em contexto EAD. Baseando-se em teóricos do ISD, as pesquisadoras descrevem a engenharia didática e salientam que, a partir de suas fases, é possível fazer reformulações nos dispositivos para que possam ser implementados em outros contextos. Como resultados, elas indicam avanços, especialmente no uso de recursos linguístico-discursivos, na estrutura geral e na compreensão do contexto. Contudo, a questão temática é apontada como uma

fragilidade a ser enfrentada. Dessa forma, na adaptação da SD para o contexto EaD, o foco recaiu, sobretudo, na seção teórica e na seleção de aspectos discursivos, considerando-se, pela alteração do contexto, o uso de ferramentas digitais. Não bastasse a necessária avaliação para superação de desafios, ressaltamos também a relevância da pesquisa em elaborar SD para EAD.

Já no capítulo “O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e sua transformação em função do contexto”, Barricelli e Macedo propõem uma SD voltada a um gênero muito presente nos anos finais de um curso de formação, o TCC. As autoras discutem o desenvolvimento das capacidades de linguagem na escrita de um TCC e refletem sobre mudanças do gênero em contextos específicos — o que, a nosso ver, configura-se como um ponto nebuloso, visto que o TCC pode ter várias configurações. Para discorrerem sobre a SD implementada, as pesquisadoras descrevem a elaboração de um MDG com base em manuais de TCC. No entanto, causa-nos estranhamento a elaboração do MDG apenas com obras de referência (os manuais), sem o uso de exemplares, conforme orientam Machado e Cristovão (2006), e sem uma descrição das dificuldades dos estudantes com a produção textual. Assim, apesar das lacunas apontadas, o capítulo traz importantes reflexões, indicando a apropriação do gênero pelas estudantes ao longo do percurso.

O capítulo “Sequências Didáticas no ensino de produção textual: o enfoque nos mecanismos de textualização” de Carvalho, Pinto e Paula, evidencia os resultados de uma experiência com foco na coesão textual gerada pelos mecanismos de textualização. Para tanto, os autores promovem uma aproximação entre conceitos do ISD e da Linguística Textual. Os autores solicitaram aos estudantes a elaboração de atividades de escrita complementares a uma SD já publicada para o gênero artigo de opinião, relacionadas à referência ou à sequenciação. Assim, mesmo apontando lacunas, especialmente na etapa de transposição didática, com a percepção da persistência de dúvidas quanto ao conceito de coesão textual, a argumentação final é de que o trabalho foi satisfatório, pois foi possível observar a aplicação de estudos teóricos ao ensino da SD.

Brandão, Santos e Araújo, no capítulo “O gênero resenha na construção do letramento literário em curso de Letras”, abordam a resenha crítica como relevante para a formação profissional do futuro professor de língua portuguesa. Os autores descrevem uma SD usada para: i) lidar com problemas de leitura e escrita no curso de Letras; ii) contribuir para o letramento literário; e iii) propor a escrita autoral. Para tanto, eles evidenciam a problemática envolvendo as dificuldades com leitura e escrita, evidenciando a contribuição do letramento literário para atenuar o problema. Na análise, ressaltam as qualidades da SD e indicam a contribuição do letramento literário para a inserção social e o exercício da cidadania de indivíduos que se tornam leitores proficientes. Em síntese, o capítulo é um esperar e um ato de resistência em um cenário educacional desolador.

Por fim, o capítulo “Sequência Didática do gênero redação escolar”, de Belarmino, Silva e Gomes, descreve uma SD para professores de língua portuguesa, abordando o trabalho com a estrutura dissertativa-argumentativa com vistas às provas de redação do ENEM de uma forma reflexiva e planejada, e valorizando o conhecimento do aluno e seu contexto sociocultural. As atividades da SD, as temáticas e os textos motivadores são pertinentes e podem contribuir para a formação continuada desejada. As autoras também trazem reflexões relevantes em relação ao exercício da cidadania, à reflexão crítica, à importância da leitura para a escrita, e ao processo de produção escrita voltado às habilidades constitutivas das competências da avaliação do ENEM. Não obstante, ainda sugeriríamos um aprofundamento em atividades de planejamento, de estruturação do texto, de análise de elementos constitutivos do gênero e, principalmente, o tipo de *feedback* e correção que o professor poderia utilizar, como foco no processo.

Assim, a obra como um todo demonstra ser possível produzir e implementar materiais sistematicamente organizados, evidenciando que o ensino contextualizado e significativo pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos estudantes, bem como ajudá-los a se tornarem mais reflexivos e conscientes do agir languageiro. Portanto, recomendamos a leitura da obra a pesquisadores, formadores e professores em formação inicial e continuada.

VIGNOLI, J. C. S.; CRISTOVÃO, V. L. L.; MIQUELANTE, M. A.
Resenha de “Sequências didáticas na escola e na universidade: planejamento, práticas e reflexões sobre o ensino de gêneros textuais”, de Ermelinda Barricelli, Geam Karlo-Gomes e Joaquim Dolz (org.)

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. . A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, 2006.

LENHARO, R. I. *Participação social por meio da música e da aprendizagem de língua inglesa em um contexto de vulnerabilidade social*. 2016. 427 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo; Gláís S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SEMINÁRIO 2015 - Palestra Prof. Joaquim Dolz (1/3). [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal OlimpiadaLP Cenpec. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K68WLhlcSrc>. Acesso em: 25 ago. 2011.

Recebido em: 11 dez. 2022.
Aprovado em: 22 fev. 2023.

Revisora de língua portuguesa: Gabriela Pepis Belinelli

